

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 31 DE MARÇO, 1883.

N. 5.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria do Centro Litterario, rua de S. Pedro 266, sobrado.

Além de todos os jornaes que costumam nos visitar, e cuja relação não damos, por falta de espaço, temos a declarar que recebemos mais:

Os tres primeiros numeros da *Philomela*, elegante periodico que começou a publicar-se na Bahia.

O *Livro do Povo*, importante folha, da provincia do Rio Grande do Sul.

O *Districto de Beja*, folha que se publica na cidade de Beja, Portugal.

O 1º numero da *Satyra*, publicada por alguns socios da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez.

Agradecemos ás distinctas redacções e continuaremos a mandarlhes a nossa modesta *Revista*.

Atlas des maladies de la peau. Obsequiou-nos o illustrado Dr. Silva Araujo com o primeiro fasciculo de uma obra sua, que está publicando com o titulo de *Atlas des maladies de la peau*.

Occupá-se esse primeiro fasciculo com a *tricomycosis favosa*, molestia cutanea sobre a qual o estimado especialista disserta com proficiencia, apresentando para maior clareza uma perfeita chromo-lithographia, trabalho do Sr. Lopes Rodrigues.

Escolhendo a lingua franceza para publicar o resultado de suas observações e estudos o Dr. Silva Araujo, em vez de merecer censura, deve receber geraes applausos, pois d'essa arte contribuirá para que o estrangeiro aprecie mais uma prova, de que existe verdadeiro progresso medico entre os brasileiros.

Não ha duvida de que existem tratados sobre molestias syphiliticas e cutaneas, assignados por notabilidades europeas. O livro, porém, que o Dr. Silva Araujo está imprimindo, traz um cunho por assim dizer especial, visto n'elle acharem-se registradas as modificações, que aquellas molestias soffrem no nosso paiz.

E é este o principal merecimento do presente *Atlas*, revelando-se seu auctor bastante familiarisado com estudos microscopicos e outros preciosos meios de analyse.

O plano adoptado é da maior utilidade: depois de cuidadosa descripção symptomatologica, apparece tudo que de mais importante pôde constituir a parte therapeutica.

Nossos parabens ao distincto especialista.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 31 de Março de 1883.

O AR

COMPOSIÇÃO CHIMICA — A PHILOGISTICA

O ar foi considerado por muitos seculos como um corpo simples, como um *elemento*, isto é, formado de uma só materia e capaz de entrar na composição dos demais corpos compostos, quer misturando-se, quer combinando-se com outros corpos. O philosopho grego Heraclito, sustentava serem quatro os *elementos* ou corpos simples: o fogo, o ar, a agua e a terra, podendo se metamorphosearem mutuamente, e corroborava esta singular asserção, dizendo que sendo o fogo produzido pelo movimento, todas as forças da natureza provi-

ham do movimento; hypothese que é hoje, universalmente adoptada.

Desde Heraclito, que viveu quinhentos annos antes de nossa era, até o seculo XVIII, o ar foi considerado como um corpo simples. Antes da decomposição do ar, os sabios fundavam as hypotheses, as mais absurdas, para explicar certos phenomenos por elles constatados. Antes de descrever estas hypotheses, julgo dever fazer notar aqui a accepção em que é tomada esta palavra *phenomeno*, por ser ella mal interpretada, geralmente, por aquelles que se não dedicam ao estudo das sciencias; scientificamente fallando *phenomeno* é tudo aquillo que observamos na natureza.

Retomando, agora, o fio interrompido por esta divagação necessaria, irei mostrar qual a explicação, que davam a um dos phenomenos mais communs.

Quando se aquece qualquer metal ao ar livre elle se oxida ou enferruja-se. Para explicar este phenomeno, os chimicos de então viram-se obrigados a formularem hypotheses sobre hypotheses, entre estas hypotheses destaca-se a theoria, se bem que erronea, porém engenhosa, do habihl chimico allemão Stahl, da qual o sabio philosopho Kant dizia ser tão importante como a lei da queda dos corpos; theoria que se chamou *Phlogistica* e os seus adeptos *phlogistas*.

(Continúa).

J. C.

VERSO E REVERSO

V I-A hontem, no baile; deslumbrava
sua rara belleza magestosa,
e o seu olhar de fada vaporosa,
os corações gelados abrasava!

Os seus negros cabellos luzidios
tinham fulvos lampejos cambiantes;
e nos grilhões das tranças ondeantes,
se prendiam os livres alvedrios!

Os labios, rubros ninhos de coral
onde dormem as perolas de Ophir,
se abrem em angelico sorrir,
têm os prismas da aurora boreal!

Tem no talhe elegante e gracioso
ondulações do junco da campina
que agitado pela brisa matutina,
de flexível se curva languoroso!

A cintura impalpavel, ideal,
torneada por fadas invisiveis,
recordava os caprichos impossiveis,
dos elegantes lustres de crystal!

Seus pés eram tão breves, tão gentis,
que no rodar da walsa delirante,
mal se viam no vôo doudejante,
como um par de travessos colybris!

Ella era a rainha; dominava
em toda a magestade da belleza,
que a mente juvenil levava presa
nos floridos grilhões que entrelaçava

Preso, cégo, captivo, a delirar,
quize vê-la inda uma vez, morresse embora;
quando a noite findou e veio a aurora,
pude vê-la, escondido, ao despertar.

Não tinha já cabelo: as longas tranças
tinham cahido junto do collete
e no montão das ruínas da *toilette*
rolavam duas trêfegas creanças!

Os olhos mal abertos e velados,
em vez dos doces raios coruscantes
eram mortos, sem côr, lacrimejantes,
meios vinhos até, e embaciados!

Os lábios descorados, sem contorno,
abrindo-se em bocejos mal contidos,
mostravam queixos nus, desguarnecidos,
na bocca funda como escuro forno.

A elegancia do talhe altivo, airoso,
perdera-se nas cordas do espartilho,
assim como perderam luz e brilho
o doce olhar e o riso gracioso!

Os pés, em liberdade, eram enormes;
chatos, sem curvas e protuberantes,
mais pareciam plantas de gigantes
com grandes unhas, negras e disformes!

A falla era fanhosa e esgançada:
as faces desbotadas, salientes;
a bocca funda na viuvez dos dentes,
a cinta grossa, tosea e mal talhada!

Tive quasi um desmaio: a fantasia
que se tinha prendido em mil feitiços,
vio que a arte moderna dos postigos,
pôde dar a um defunto, amor, poesia!

E a minha ardente musa, sonhadora
mergulhou na descrença a doce lyra,
— A belleza é na terra vã mentira,
branca nuvem gentil que se evapora!

Rio, 12 Fevereiro, 1883.

DUARTE PORTO.

Escuta

Para que chorar?

Quando choras, minha alma a esvoaçar, como
airoso passarinho espanejando-se ao lacrimejar da
aurora, sobre o ramo folhudo da jaboticabeira em flor,
banha a sua plumagem multicôr nas perolas cálidas do
teu pranto, á luz tremula e brilhante dos teus olhos a
marejar.

Não sabes que o pranto é a consequencia da dôr e
do soffrimento?

Choras e não vejo no teu rosto pequeno, os traços
profundos e tristes que a dôr, que despedaça o coração,
imprime na physionomia dos que soffrem!

Choras, e a tua fronte illuminada por uma luz des-
conhecida, suave e odorosa, semelha a aurora a des-
pontar rosea e lenta sob um horisonte negro a despejar,
como teus olhos, uma torrente crystallina e pura.

Embalam-te os gorgeios harmoniosos da lyra que
se inspira na luz suavissima, que a candura e a inno-
cencia fazem brilhar no teu rosto limpo e sereno,
como o infinito sem nuvens, prateado pela sereia do
azul: da lyra que balbucia os preludios de um poema
bebido no doce perfume da loura madeixa que emmol-
dura-te a cabeça de anjo!

E's feliz; rodeiam-te os carinhos do adolescente e
da velhice—o amor da familia, e, no emtanto, choras!

Antes rir.

O riso é o symbolo da paz, da alegria e do esque-
cimento.

O riso é desprezo lançado á face da dôr.

Quando choras, aureola-te a face de anjo uma corôa
de sombras e de lagrimas; quando ris, abre-se-me
pelos teus lábios um paraizo infinito de gozos, de do-
çuras perennes.

Quando choras, tens a belleza da Magdalena solu-
çante e arrependida; quando ris, sinto no teu sorriso
a divindade dos anjinhos que rodearam o Christo, na
resurreição, entoando uns canticos sagrados e melo-

diosos que, através dos seculos, ainda echoam replectos
de poemas, sublimes de luz, no coração da humani-
dade, que venera esse Deus, que respeita a sua lei e que
vegeta e cresce em movimentos athletas á sombra be-
nifica da caridade christã.

Quando choras, parece-me que as lagrimas que
correm-te pelas faces se despenham no meu coração, e
sinto nos meus olhos, como cedendo á varinha magica
d'um Moysés desconhecido, brotar um pranto, filho
desse que derramaste dentro de mim; quando ris,
como se teu riso fosse de uma alegria contagiosa e
expansiva, tudo ri, tudo, até a propria natureza;
porque o ambiente rescende um perfume exquisito e
doce pela infinidade de odores exhalados pelas flores
que se abrem.

Olha; quando teus lábios corallinos e pequenos se
entreabrem graciosos e bellos para deixarem passar um
sorriso, esse sorriso, como o raio luminoso de uma
alvorada magestosa, vem illuminar-me o coração, vem
arrancar-me d'alma, estremecendo e extasiando todo o
meu ser, harpejos que a lyra não pôde reproduzir,
poesias que os lábios não podem recitar, mas que se
congregam e se revolvem dentro em mim, como lavas
luctando inutilmente para subirem a cratera do volcão.

Para que choras?

Saudades da infancia?...

São a unica consolação de uma realidade do pas-
sado.

A realidade é passageira como o sol, criança, que
nos illumina hoje e nos deixa para derramar a sua
fonte de luz a outros povos. E depois o que fica? A
noite. As saudades são a noite que succede ao dia—
realidade.

A vida, como o tempo, tambem tem quatro esta-
ções; e tu estás agora em pleno vigor da juventude.

A estação da innocencia, risonha e descuidosa, já
passou; hoje estás na estação dos sonhos, da poesia,
das flores e dos prados verdejantes e floridos,—na pri-
mavera da vida!

Esquece o passado que não volta, para encararmos
a nossa quadra ridente e floreada e, sob o calor do meu
peito, ao fogo do sentimento grandioso que me accen-
deste n'alma, confundamos nossas vozes e entoemos
um hymno á primavera, ao amor, á Deus!

DUARTE PORTO JUNIOR.

MAS...

SONETO

(A ALGUEM, QUE O PEDIO)

Sei que és bella, sim, que és boa, amavel,
Alegre, gentil e até não sei que mais,
Que tens uma cintura incomparavel,
Que o teu lugar não é entre os mortaes.

Sei que valem ouro, esses olhares
Que despedem teus olhos seductores;
Que valem um mundo os teus rubores,
Que ganhas o céu, só em fallares.

Sei tudo isso, sei! Mas .. bella, escuta,
Um enorme defeito contra tudo lucta:
Tens um pé que presta para nada!

Inda ha dias, no baile, nós dançavamos,
E enquanto ao prazer nos entregavamos,
Um callo me esmagaste, bella... oh! fada!

25—3—83.

ABEL PORTO.

Zás!

— Como é bella, meu Deus! murmurava elle de si para si, sempre que a via, esbelta e donairoza, chegar-se á saccada, entreabrindo uns sorrisos meigos, ternos.

E o bom do Ramos, todo besuntado, encostado á uma ruma de saccos, transportava sua imaginação á paizes alegres e chimericos, onde tudo era riqueza e esplendor, festas e prazeres!

Sonhava acordado, o coitado!

A's vezes, á noite, isolado no seu aposento apertado e sem ar, depois de umas meditações prolongadas, elle interrogava ás baratas que percorriam a parede:

— O que terei eu de interessante, de sympathico e attrahente para que ella me ame tanto?!

E atracava-se a um espelho, escolhia umas posições elegantes, compunha uns sorrisos bons, desenhava na physionomia umas expressões apaixonadas; e, pretenciosamente, cofiava uns longos bigodes que ainda haviam de vir!

Depois, punha-se a meditar, formava planos, calculava as felicidades e gosos do seu futuro e tirava conclusões muito claras, logicas, positivas.

— Que tinha dezeses annos, mais cinco — teria vinte e um! ajuntava sorrindo; ella é muito boa, esperaria por elle, e então se casariam com muita pompa — porque quando chegasse esse tempo elle seria negociante, e muito rico!

E ficava mais alegre, ria-se muito, deitava-se depois e dormia um somno bom, sem sonhos.

* * *

Uma tarde, eram horas do crepusculo, o Ramos encostou-se á porta e os seus olhos deram nos olhos d'ella...

Estava muito seductora, tinha o semblante risonho e puro, e ria-se para elle com bondade e ternura.

— Como ella me estima! dizia o Ramos com sentimento; sim, sempre valho alguma cousa... pois, se ella me ama tanto!

Lembrava-se dos tempos que já se foram, tinha ainda reminiscencias do primeiro dia que a vira tão formosa como hoje, e, quando pensamenteava este passado de puerilidades, pareceu-lhe ouvir um — *psio!*

Instantaneamente projectou as luminosidades do seu olhar para a saccada e viu, distinguu claramente, que ella o chamava...

— Ah! como sou feliz! exclamou elle dando um salto.

E, dirigindo-se pressuroso ao seu patrão, que cochilava a um canto, um pouco entrado no *verde de Bastos*, exclamou desaforadamente:

— O' Medeiros! á bem da minha dignidade e da minha futura posição social, não sou mais teu empregado; tire a minha conta e o saldo remette-o á uma instituição pia...

— Patife!... Espera ahi... que eu... e o Medeiros, colerico, fazia esforços para levantar-se, mas em vão — o vinho pesava-lhe na cabeça e a obesidade desproporcional grudava-o no velho mocho.

— Ora sêbo! Vá plantar mandiocas! Estou rico, ouviu, *seu typo?* Vou me casar!...

E depois d'estes desabafos, o nosso Ramos poz-se na rua e galgou o pequeno lance de escadarias da habitação d'ella.

Em um minuto achava-se na presença da *sua ella*, mas agora muito acanhado.

Comprimentaram-se e depois de olharem-se mutuamente — ella com bondade, elle com ardor — a moça murmurou com doçura:

— Espere ahi um instantinho, nhônhô, eu volto já.

Pouco depois voltou trazendo dois *pês de moleques* e uma *cocada*, offereceu o assucarado presente ao nosso

heróe que aceitou-o com desconfiança, franzindo um pouco as sobrançellas.

— Estão muito bons, disse-lhe ella, foram feitos por mim.

E ajuntou com meiguice:

— Sabe, nhônhô, porque eu gosto muito de você?

— Não senhora, respondeu elle estremecendo.

— E' porque você traz-me sempre ao pensamento uma imagem para mim immorredoura — falleceu ha annos, aqui em casa, um molequinho muito bom e a quem eu muito estimava, e de uma parecencia notavel comsigo que...

O Ramos não fugiu, rolou pelas escadas.

AVELINO LISBOA.

ELLA amava o luxo e a grandeza:

Desejava um casamento grandioso,
Ter ricas carruagens, lauta mesa
E habitar em palacio sumptuoso.

Passava o tempo cuidando da belleza
A phantasiar um futuro venturoso,
Tê que entre a esperanza e a incertesa
Deu um passo no caminho perigoso.

E outro e outro e o porvir feliz mudou:
De nevoas negras, tristes se toldou,
Impellindo ao lupanar a desgraçada.

Alli, ostentou um luxo deslumbrante:
Mas um dia perdeu a belleza fascinante,
Indo morrer n'um hospital, abandonada.

Porto, Fevereiro, 1883.

DOMINGOS B. DE PINHO E SILVA.

OS MARTYRES DO AMOR

Quem, aqui ha tempos, passasse á tardinha pela linha dos bonds da Tijuca, havia, por força, de indagar porque estava sempre tão pensativa, em um canto da janellinha verde d'um mimoso *chalet*, uma joven loura e cheia de vida.

Pois não eram aquellas justamente as horas escolhidas por suas companheiras para mostrarem, passeando na rua do Ouvidor, os seus novos e *chics* vestidos?!

Todos admiravam, porem ninguem ficava sabendo o motivo da singularidade de Alice — era este o seu nome.

A' noite, quando suas collegas, sorridentes, voavam aos bailes, aos concertos e aos theatros, ella satisfazia-se em dar um passeio no jardim, condensando com o seu o delicioso e suave perfume das flôres. Depois de, com um meigo olhar augmentar a luz dos astros no céu, recolhia-se, indo ao piano arrancar uma melodia tão triste como o suspiro que, de espaço em espaço, fugia-lhe do peito torturado por uma mortificante contrariedade!

Domingos, pai de Alice, sendo viuvo, conservava, ou antes augmentava a fortuna que arranhou-lhe o casamento.

Deu boa e esmerada educação á filhinha, que, quanto mais se desenvolvia, tanto mais ia tornando-se encantadora.

Foi assim que Alice sentio-se predisposta a amar, ardente, sincera e desinteressadamente. Um rapaz pobre, empregado no commercio, fazendo seus passeios aos domingos pelos lados da casa de Alice, foi pouco a pouco ficando louco por ella.

Alice, levada tão sómente pelos impulsos do seu

coração, não deixou de corresponder afeiçãoadamente á Armando— assim se chamava o mancebo.

Este, depois de haver consultado a Alice, dirigio-se a Domingos e pediu a filha em casamento.

Domingos, não querendo chocar tão repentinamente a filha, pois já sabia de seu amor, respondeu a Armando que ia pensar sobre o seu pedido. Armando e Alice, não comprehendendo que semelhante resposta era quasi uma negativa, esperavam e esperavam ansiosamente uma decisão.

Domingos, depois de haver respondido a Armando, foi á casa onde este era empregado, e como o dono dessa casa era seu amigo, não trepidou elle em contar-lhe tudo confidentemente, pedindo que fizesse com que Armando seguisse viagem para S. Paulo, sob pretexto de negocios, para, nesse meio tempo, elle dissuadir a filha de se casar com um rapaz... *pobre*.

Tendo Domingos obtido um—sim— de seu amigo, voltou satisfeito á casa, dizendo á filha :

— Ora, segundo as informações que acabo de colher de pessoa muito competente, não posso consentir no teu casamento com Armando. E' um pessimo rapaz !

Tão indigno, que hoje foi expulso da casa onde era empregado, fugindo immediatamente para S. Paulo !

Alice, ao ouvir as ultimas palavras de seu pai, curvou a loura cabecinha e fugio logo para derramar suas quentes lagrimas no fundo de seu quartinho. D'ahi por diante foi que começou a tristeza que enigmaticamente observavam os passageiros dos bonds da Tijuca.

Domingos, pensando que a melancholia de sua filha, fosse só a vaidosa vontade de se casar, começou a propor-lhe os mais ricos casamentos. Um dia Alice lhe respondeu :

— Meu pai, eu tenho um só coração, e este de há muito está dado a Armando.

Domingos, com esta resposta, procurou resolver a questão com o seguinte meio, a que fatalmente recorreu :

Pediu a um amigo em S. Paulo que lhe escrevesse uma carta no seguinte teor, e ao mesmo tempo explicava que nenhum compromettimento havia nisso :

« Amigo Domingos.

« Não podia, mesmo que quizesse, deixar de narrar-te este lamentoso facto : foi assassinado no Hotel de... um moço que aqui chegou hontem dessa tua Côrte. Pelos papeis encontrados em seu poder, verificou-se ser Armando, que viera tratar aqui de negocios commerciaes de seu patrão. E' de suppor que fosse o roubo o unico moyel de tão horroroso crime.

« Teu amigo,
G... »

Como de facto, o amigo G... não hesitou em escrever a carta acima e enviar ao pai de Alice, que muito satisfeito correu a entregal-a á filha. Esta, recebeu a carta de seu pai e começou a leitura.; porem, antes de a terminar, soltou um grito angustioso e cahiu desmaiada, podendo ainda murmurar :

— Adeus, meu pai, eu vou viver lá no céu com o meu querido Arman...

A ultima syllaba morreu-lhe nos labios. Alice, a gentil Alice, era morta !

Em poucos dias chegou Armando de S. Paulo, tendo concluido com admiravel velocidade os difficeis

negocios de que fôra incumbido.

Chegando, antes de tudo e de todos, procurou a casa de Alice. Bateu á porta daquelle *chalet*, onde esperava encontrar ainda o seu amor, a sua esperança e a sua vida !

Qual foi, porém, o seu espanto vendo apparecer-lhe um velho que, pelas fundas rugas do macilento rosto, dizia que alli era mesmo habitação dos mortos !

Armando reconheceu o pai de sua querida Alice, e perguntando por ella, ouviu com desespero elle, tremulando os labios, balbuciar:— morreu !

Quasi louco, perguntou onde fôra sepultada, e, com a velocidade do raio, partio para o cemiterio de S. Francisco Xavier.

Ahi entrou completamente desvairado, perguntando ao porteiro o numero da sepultura de Alice de... Este, sem prestar attenção alguma á agitação de Armando, deu-lhe o numero pedido.

Armando subiu e chegando ao tumulo ajoelhou-se, e depois de o ter por longo tempo aquecido com seus beijos e com seu copioso pranto, murmurou :

Dormes no céu, minha querida Alice,
No leito puro de azulada côr ;
Dormes, oh! anjo, e não me vês prostrado
Na fria terra a soluçar—amor !

Perdi a crença neste mundo ingrato,
Toda a esperança que nasceu commigo !
E agora morto das illusões mundanas,
Eu vou, meu anjo, dormir comtigo.

Depois que Armando terminou a ultima estrophe, puxou do bolso um pequeno *revolver* de viagem e disparou sobre seu peito. Ouvio-se o estampido d'um tiro, e logo após o baque de um corpo.

Armando, fulminado por uma bala, acabava de tingir com seu sangue o branco tumulo de Alice !

De quando em quando, o pio mortuario de uma ou outra ave nocturna, quebrava o profundo silencio da noite !

E... nada mais.

ARNALDO DANTAS.

Côrte—1883.

TEMOS FOME

SUPPLICA AOS POETAS

Insignes cavalheiros venturosos
Das musas gentis os preferidos !
Volvei para nós, compadecidos,
Vossos olhos — e sede generosos.

Vede-nos que, sós, desprotegidos,
Tentamos com esforços valerosos,
Decantar, em versos desmedidos,
O poder d'uns olhos langorosos.

Soccorrei-nos, por Deus, illustres bardos,
Vós que sois, na poesia uns *felizardos*,
Comnosco reparti *petiscos* mil.

Dae-nos sopa de *ceticas harmonias*;
Pratos varios de *loiras phantasias*,
E sobremesa de *manhãs d'Abril*...

25—3—83.

J. REIS.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda n. 31